



LACRADO POR CONTEÚDO IMPRÓPRIO

Livro **B**

um romance sentimental

Alain Robbe-Grillet

O EDITOR ADVERTE QUE ESTE CONTO DE FADAS PARA ADULTOS É UMA FICÇÃO FANTASIOSA QUE CORRE O RISCO DE CHOCAR CERTAS SENSIBILIDADES

Em outubro de 2007, uma bomba explodiu no meio editorial francês. Aos 85 anos, o “papa” do Nouveau Roman, Alain Robbe-Grillet, publicou sua nova obra, cuja edição francesa chegou às livrarias lacrada e com as páginas parcialmente coladas, tendo em destaque, na capa, uma etiqueta de advertência ao leitor, com a qual os editores brasileiros fazem coro: “risco de chocar certas sensibilidades.”

Um romance sentimental conta a história da pequena Anne-Djinn, ou Gigi, que aos 14 anos recebe uma educação bastante peculiar do pai, com o qual divide a cama.

O genitor a obriga a ler em voz alta – e nua – textos eróticos do século XVIII. A fim de avaliar as lições, ele aplica pequenos testes à menina, que é castigada fisicamente em caso de erros.

O conto de fadas para adultos que Robbe-Grillet nos apresenta, desprovido de qualquer amarra moral, ganha ares ainda mais polêmicos quando o pai presenteia a filha com Odile, uma menina de 13 anos, que se tornará escrava dos desejos mais sádicos de Gigi.

Alain Robbe-Grillet

um romance sentimental

Tradução de
ANDRÉ TELLES



E D I T O R A R E C O R D
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2008

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Robbe-Grillet, Alain, 1922-2008
R545r Um romance sentimental / Alain Robbe-Grillet;
tradução André Telles. – Rio de Janeiro: Record, 2008.

Tradução de: Un roman sentimental
ISBN 978-85-01-07819-3

I. Romance francês. I. Telles, André. II. Título.

08-0715 CDD – 843
CDU – 821.133.1-3

Título original francês:
UN ROMAN SENTIMENTAL

Copyright © Librairie Arthème Fayard, 2007

Composição de miolo: Glenda Rubinstein

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo
ou em parte, através de quaisquer meios.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente
para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-01-07819-3

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Caixa Postal 23.052
Rio de Janeiro, RJ – 20922-970



1. À primeira vista, o lugar em que me encontro é neutro, branco por assim dizer; não de um branco reluzente, mas de um matiz indeciso, enganador, efêmero, completamente ausente também. Se houvesse diante de mim alguma coisa para ser vista, o seria sem problema sob essa iluminação uniforme, que não é nem excessiva nem avara, desprovida em última análise de toda adjetividade. Aliás, no seio deste espaço, reiterando sem convicção sua indiferença, não faz nem calor nem frio.
2. O único problema é, pensando bem, de natureza bem diferente: ignoro o que faço aqui, e por que vim, com que intenção consciente ou impul-

siva, se é que houve intenção num momento qualquer... Mas que momento? Talvez tenham me trazido à força, contra a minha vontade, até mesmo à minha revelia ou coisa do gênero. Estou na prisão por alguma perfídia, delito, crime ou, ao contrário, por engano, vítima de um lamentável erro de identificação?

3. O recinto parece cúbico, sem janela nem porta visível, sem móveis nem decoração. Estou imóvel, deitado de costas, as pernas esticadas, os braços repousando ao longo do corpo, o busto um tanto soerguido por uma inclinação a aproximadamente vinte graus do chassis (metálico?) do que deve ser um estrado baixinho, eventualmente suscetível de uma altura regulável, mais alto inclusive que o normal, articulado como o são os dos doentes nos hospitais. Estaria eu então voltando à vida numa clínica, cirúrgica ou outra qualquer? Passou pela minha cabeça que pudesse tratar-se de fato de um instituto médico-legal, para o qual meu corpo sem vida fora transportado após um acidente.
4. Entretanto, alguma coisa logo me impede de acreditar nessa hipótese: se eu estivesse morto, e

sobretudo exposto desse jeito, na atmosfera gelada de uma câmara funerária, sentiria o frio pouco a pouco me tomar. Ao passo que tenho a sensação inversa de uma tepidez de alcova que vai aumentando até atingir um calor com exalações de floresta tropical, cujas lufadas úmidas e pesadas me assediam, desorientam, invadem. No meu torpor, julgo ver mover-se a luz difusa das paredes que me cercam, como se o sol peneirado pela folhagem de árvores imensas, povoadas lá em cima por um rumor aveludado, chegasse ao solo (e a mim) sob a forma de uma bruma de partículas sem contorno preciso, sem direção, sem plano.

5. Na direção da parede do fundo, aquela pela qual meus olhos enlanguescidos erram com mais facilidade, distingo, no primeiro plano de um desenho cuja evidência confirma-se rapidamente, perspectiva florestal com troncos verticais e retilíneos, uma espécie de piscina de água tão clara que se torna quase imaterial, extensão oblonga de uma nascente cristalina, tão profunda quanto uma banheira ou até mais, entre rochas cinzentas de formas arredondadas, suaves ao toque, acolhedoras. Uma moça está sentada ali, sobre a pedra

- polida pela erosão que representa para ela um banquinho ideal ao nível da água, onde suas pernas compridas brincam com abandono nos remansos de reflexos azuis da amável ninfa, tão natural quanto pitoresca, cuja temperatura deve ser idêntica à do ar ambiente, bem como à das seduções femininas que, por sua vez, ondulam, liquefeitas, acima do espelho movediço de frêmitos imprevistos.
6. A banhista acha-se de tal maneira em seu elemento, quente, acariciante, licoroso, que ali permanece nua e sem constrangimento. Adolescente recém-desabrochada, é bonita, bem feita de corpo, e suas carnes são de tal forma brancas, tão distantes do âmbar esperado numa nativa cuja beleza selvagem, cor de caramelo queimado, e gestos nervosos combinassem com a paisagem aparente de onde ela emerge, aparição láctea tão implausível que a julgaríamos antes num banheiro do norte da Europa, climatizado segundo o registro delicado das saunas e forrado com um papel de parede estampado de cenário equatorial.
7. A menina, relaxadamente ocupada com sua toailete, mantém os dois braços levantados de am-

bos os lados do rosto. Está em vias de tirar um roupão atoalhado branco, que lhe cinge a cabeça como uma espécie de touca, libertando de maneira progressiva uma cabeleira com cachos de ouro esmaecido, que caem nos ombros, a qual ela sacode com agilidade para reorganizar as mechas flexíveis, erguendo no fim olhos azuis afins com sua carnação de bela criança loura, inocente e frágil. Terá ela baixado por um instante as pálpebras em minha direção, por um curto instante?

8. Mas ouve-se então uma voz de homem chamando do lado de fora, muito próxima, imperiosa: “Angine!”, ou mais exatamente “Ann-Djinn”, numa pronúncia vagamente anglo-saxã que evita em todo caso a confusão desagradável com uma dor de garganta oriunda de regiões mais frias. Trata-se, segundo toda probabilidade, do prenome da banhista, pois esta, com o roupão ainda nas mãos, ergue o rosto, que volta para a parede da direita com vivacidade. Poderia ser seu pai, ou algum outro parente de idade madura, que, de um cômodo vizinho, ordena-lhe num tom sem réplica que venha juntar-se a ele. A jovem aliás não demora a obedecer.

9. O recinto ao lado seria uma espécie de biblioteca de dimensões bem reduzidas, cujas paredes, inteiramente ocupadas por prateleiras tradicionais de madeira escura, oferecem, portanto, vários milhares de volumes, encadernados ou não, arrumados, tudo indica, com rigor. O homem que supomos ser o pai se levanta e fica de pé diante de um púlpito, uma das mãos colocada sobre o livro que mantém aberto. Sua outra mão segura à sua frente uma batuta ameaçadora que lembra a dos maestros, um pouco mais comprida talvez e mais flexível. Na força da idade (quando muito 40 anos) e de grande estatura, sua expressão severa acentua o aspecto intransigente de um aposento de trabalho que poderia ser igualmente, em outras circunstâncias, com seu divã de repouso, suas almofadas e seus pufes, um lugar de descanso, de meditação, de solidão metafísica, ou até mesmo uma alcova pouco austera.
10. O olhar autoritário do personagem, de inquietante acuidade, fixa de fato à sua frente não seu livro em vias de leitura, mas, além, por cima do púlpito, a jovem Ann-Djinn, que agora se acha ajoelhada, a cerca de dois metros, num genuflectório de madeira negra esculpida, guarnecido

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

